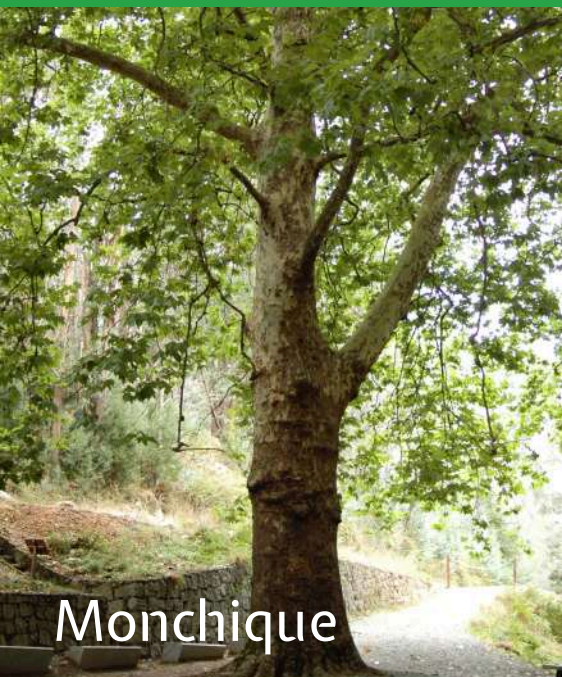




Rota
das

**Árvores
Monumentais**



Monchique



Rota
da
Geologia



Rota
da
Água



Rota
do
Contrabandista



Prefácio

Com o intuito de aumentar a atratividade da Via Algarviana (GR13) foram criados novos produtos e infraestruturas de forma a enriquecer esta grande Rota! Um desses produtos foi a criação de um conjunto de 4 Rotas temáticas distribuídas por 3 Municípios parceiros:

- Rota do Contrabandista (Alcoutim)
- Rota da Água (Loulé)
- Rota das Árvores Monumentais (Monchique)
- Rota da Geologia (Monchique)

As temáticas e os municípios em questão não foram escolhidos ao acaso, pois estão em plena sintonia! Esta é uma forma de aumentar a diversidade da Via Algarviana, permitindo que pessoas com interesses muito específicos ou apenas simples curiosos se desloquem a estes municípios e percorram os percursos que propomos, alguns a pé, outros de BTT ou até mesmo de carro. Para cada Rota há um Guia Digital, que poderá ser descarregado gratuitamente, e com ele percorrer cada Rota Temática e ficar a saber muito mais!

Atreva-se a descobrir as ofertas complementares que temos para si!
Aproveite tudo o que o Algarve Interior tem ao seu dispor!

Sinalética



• Cor/Elemento simbólico

• Logótipo/Nome da Rota

• Logótipo da Via Algarviana





INTRODUÇÃO

A Rota das Árvores Monumentais é composta por três circuitos. Todos eles têm início no Largo de São Sebastião, no Posto de Turismo da Vila, por aqui existir estacionamento gratuito para o carro e se situar perto da paragem de autocarro de Portimão, Alferce e Marmeleite.

Generalidades

- Da presença romana são provas a descoberta de diversos exemplares de moedas romanas de ouro, prata e cobre, bem como uma pedra monumental nas Caldas de Monchique.
- O castelo da Pedra Branca em Alferce remonta à época dos árabes.
- De registar ainda a estadia a banhos nas Caldas de D. João II, para recuperar da sua doença, por volta de 20 de outubro de 1495.
- Monchique foi elevado a concelho por Decreto em 1773, ano em que a povoação também foi elevada a Vila.

A paisagem

Na segunda metade do século XIX podia estimar-se a superfície da Serra de Monchique coberta pelos matagais em 80-90%.

Durante o século XX, o Sudoeste Serrano passou por profundas transformações, como está bem documentado nas fotografias de António Maria Callapez e na monografia de J. Malato Beliz.

Praticava-se sobretudo a cultura itinerante através do fogo, utilizado também para o rejuvenescimento dos pastos para os rebanhos de cabras. No início do século XX, as serras encontravam-se ainda abundantemente revestidas de vegetação, sendo muito arborizada a Serra de Monchique. O matagal de estevas *Cistus ladanifer* L. (esteval) dominava a paisagem, encontrando-se algumas vertentes das serras ocidentais cobertas de matagal arborecente dominado pelo medronheiro (*Arbutus unedo* L.). Os sobreiros e azinheiras também abundavam.

Nas primeiras décadas do século XX, inicia-se a desmatagem, generalizada após 1929 através dos subsídios da “campanha do trigo”. Como resultado, restava em 1949 apenas 10-30% do coberto arbustivo. As escassas áreas que se mantiveram arborizadas nesse período cobriam apenas cerca de 10% da região, nas vertentes ocidentais

do maciço xistoso de Monchique.

Em consequência do esgotamento dos solos, teve início em meados do século XX o abandono progressivo da cultura cerealífera e o consequente êxodo rural generalizado, voltando as grandes extensões contínuas de matagal a partir do início da década de 1960. Na Serra de Monchique / Espinhaço de Cão surge então uma nova metamorfose da paisagem, com a rápida expansão do eucaliptal para produção de pasta para papel. Durante as décadas de 1970-1980, extensas plantações de eucaliptos (*Eucalyptus globulus* Labill.) substituíram os cultivos de cereal e a vegetação natural restante. Assim, cerca de 50% da Serra de Monchique encontra-se coberta por eucaliptais.



Plantação de eucaliptal em exploração.

Finalmente, nas décadas de 1980-1990, entraram em ação, diversos programas de apoio à arborização, que resultaram num total de 13.459 ha de plantações puras de diversas espécies, sobretudo quercíneas autóctones e coníferas.

Património Natural

A Serra de Monchique, incluída na Rede Natura 2000, é um habitat mediterrânico com forte influência atlântica e com intensa precipitação. Devido a estas condições, toda a zona é extremamente rica do ponto de vista botânico. Esta serra é também o habitat do felino mais ameaçado da Europa, o Lince Ibérico.

Laranjeiras, cerejeiras, pessegueiros e castanheiros crescem em socacos nas encostas. Perto do cume dos cerros podem ser encontradas espécies raras como o *Rhododendron ponticum* L. subsp. *baeticum* (Boiss. et Reut.) Hand.-Mazz., a *Paeonia broteroii* Boiss. & Reut. e a

orquídea da espécie *Neotinea maculata* (Desf.) Stearn. O coberto arbóreo atual é principalmente constituído por sobreiros, pinheiros e grandes plantações de eucalipto para a pasta de papel. O medronheiro também cresce abundantemente entre os sobreiros e os pinheiros.

A queda de neve na região algarvia é muito rara e é mais suscetível de ocorrer na Fóia. A última vez que ocorreu neve no litoral algarvio foi em fevereiro de 1954. Em fevereiro de 2006 nevou na Serra do Caldeirão, e em janeiro de 2009 nevou na Serra de Monchique. Na Fóia, diz-se que a neve cai de sete em sete anos. Porém, no lado norte da Fóia a geada é mais frequente, e todos os anos são registados os dias necessários com temperaturas baixas para permitir uma boa produção de maçã.

Quem planta árvores cria raízes. Quem cultiva amizades também.

ASERRA DE MONCHIQUE E A SUA FLORA

A Serra de Monchique, com uma altitude máxima de 902 metros, situa-se na zona noroeste do Algarve, no extremo sudoeste do território continental. É o contraste entre o clima das alturas da Fóia, chuvoso e frio, e as zonas de menor altitude, mais secas e quentes, que imprimem as diferenças na paisagem, entre a expressão atlântico-europeia do topo da serra, que se prolonga nas vertentes mais húmidas, e as matizes mediterrânicas da cintura de xisto que rodeia o núcleo central.

São as características climáticas, nomeadamente as da parte superior da serra, onde a precipitação anual supera o dobro do verificado em boa parte do Algarve, as indutoras das particularidades da sua flora face à restante vegetação da região. Com efeito, essas características atlânticas e subatlânticas, fazem com que a Serra de Monchique corresponda, em certos casos, ao limite sudoeste da distribuição europeia de certas espécies ou agrupamentos de espécies.

A comprovar o carácter atlântico da parte superior da Serra de Monchique encontram-se espécies como o tojomolar (*Ulex minor* Roth.) e a arenária (*Arenaria montana* L.). De destacar ainda a presença, no sub-bosque dos poucos soutos que restam, da espécie *Doronicum plantagineum* L., que encontra, em Monchique, o limite meridional da sua distribuição em Portugal e ainda a espécie

Senecio lopezii Boiss., endemismo do sudoeste peninsular, mas que, no nosso país, apenas aqui se pode encontrar.

Em zonas húmidas, subsiste o *Quercus canariensis* Willd., carvalho que, em Portugal, apenas cresce de forma esponânea nestas paisagens serranas, sendo por isso designado vulgarmente como carvalho-de-Monchique. Por último, não podemos deixar de destacar a presença da adelfeira [*Rhododendron ponticum* L. subsp. *baeticum* (Boiss. et Reut.) Hand.-Mazz.], endemismo ibérico, porventura o mais notável sobrevivente da Laurisilva que existia no território do continente e que foi praticamente destruída pelas glaciações que caracterizaram o Pleistocénico (era que se iniciou aproximadamente há dois milhões de anos e terminou há cerca de 10 000 anos) e que, na atualidade, se restringe, no nosso país, à Serra de Monchique e à vertente norte da Serra do Caramulo.

No estudo de José Malato Beliz, sobre a flora de Monchique, datado do início da década de 80 do século passado, foram identificados 492 *taxa* diferentes, repartidos por 310 géneros e 92 famílias. De entre estes *taxa*, são maioritários os de influência mediterrânica (35% do total), pese embora esta influência esteja concentrada, em particular, no piso intermédio e inferior da serra. No entanto, não deixa de ser relevante a presença de cerca de 8% de *taxa* de influência atlântica ou subatlântica.

A diversidade da flora de Monchique, resultante do cruzamento de condições climáticas diversas, a que acresce a influência humana, traduz-se numa acentuada diferenciação de agrupamentos vegetais. De acordo com o referido estudo de José Malato Beliz, podemos considerar os seguintes agrupamentos que formam, no seu conjunto, a cobertura vegetal de Monchique:

- Sobreirais:





Os sobreirais diferem na composição do respetivo sub-bosque, consoante os valores de humidade. Alguns destes sobreirais da Serra de Monchique incluem espécies comuns às florestas caducifólias do centro e norte do nosso país, ou dos matos resultantes da sua degradação, uma vez que se localizam na continuidade das formações de índole subatlântica da parte superior da serra.

- Bosques residuais de carvalho-de-Monchique: Este tipo de formação está limitado, na atualidade, a uma pequena expressão do que terão sido, outrora, extensos carvalhais. Embora estas manchas partilhem elementos florísticos com os sobreirais, há entre eles suficientes diferenças para os integrar numa associação botânica própria. De destacar a ocorrência, nestes carvalhais, do endemismo *Euphorbia monchiquensis* Franco & P. Silva.

- Medronhais: As zonas hoje dominadas pelo medronheiro (*Arbutus unedo* L.) correspondem à primeira fase da destruição dos sobreirais, resultado de incêndios, sobre pastagem ou, simplesmente, do corte de árvores. Acresce a proteção destas formações, em resultado da exploração do medronho para o fabrico de aguardente. A exposição cíclica aos fatores de destruição mencionados, impede não apenas a evolução natural destes habitats como contribui para a sua destruição. No caso dos medronhais, tal pode conduzir à sua substituição por matos de menor porte, nomeadamente de esteva (*Cistus ladanifer* L.).

- Matos rasteiros: Resultantes da progressiva degradação dos sobreirais, encontram-se matos dominados pelo tojogatum [*Stauracanthus bovinii* (Webb) Samp.]. Estas formações arbustivas, de baixo porte, encontram-se em solos secos e pedregosos, protegidos ou com exposição a sul.

- Matas artificiais de espécies exóticas: São formações dominadas por eucaliptos (*Eucalyptus* sp.), ocupando, maioritariamente, antigos sobreirais. Pese embora a densa cobertura arbórea destas formações, o mesmo não se pode dizer da riqueza do respetivo estrato arbustivo e herbáceo. As situações que apresentam uma cobertura arbustiva e herbácea mais próxima dos valores normais ocorrem em eucaliptais recentes ou em zonas que sofreram desbastes recentes.

- Soutos: Os bosques de castanheiro (*Castanea sativa* Mill.) são as formações nas quais é possível encontrar mais elementos comuns com os carvalhais caducifólios. Estas formações ocupam hoje uma área muito reduzida face ao passado, devido a diversos fatores, como os incêndios ou a

plantação de eucaliptos, incluindo ainda a mortalidade provocada pela doença da tinta, a partir do século XIX.

- Matos de urze-vermelha: Os matos de urze-vermelha (*Erica australis* L.) revestem, em geral, solos pedregosos, na transição entre o meio de influência mediterrânica e o de influência subatlântica. Vários fatores de degradação, já referidos a propósito de outros tipos de formações, têm levado ao aspeto fragmentado que estas estruturas apresentam na atualidade.

- Matos de tojo-molar: Os matos de *tojo molar* (*Ulex minor* Roth.) ocupam as zonas mais elevadas da serra, aproximadamente a última centena de metros, traduzindo condições de notória influência atlântica ou subatlântica, embora a destruição dos matos de *Ulex minor* conduza, muitas vezes, à sua ocupação por vegetação de tipo mediterrânico.

- Agrupamento de adelfeiras:



A adelfeira [*Rhododendron ponticum* L. subsp. *baeticum* (Boiss. Et Reut.) Hand.-Mazz.] é uma ericácea do Terciário que sobreviveu até aos nossos dias. Em Monchique, esta espécie encontra-se em solos com elevado teor de humidade, em ambiente subatlântico. No entanto, no limite inferior da sua distribuição encontram-se elementos mediterrânicos, que ocorrem, por vezes, também como resultado da degradação destes habitats.

- Vegetação dos solos turfosos: Vegetação que se encontra em solos turfosos encharcados, na zona mais elevada da serra, acima dos 700 metros de altitude, correspondentes a relevados de clara expressão subatlântica.

- Vegetação ribeirinha: A vegetação ripícola encontra-se

profundamente alterada por influência humana, acrescida do caráter torrencial de muitos cursos de água, o que impede a fixação de várias espécies características destes habitats. Por outro lado, há ainda a considerar a penetração de vários componentes de formações que ladeiam as zonas ribeirinhas. Tal contribui para a heterogeneidade da vegetação presente, como nas demais formações revelando a presença de elementos mediterrânicos e de elementos atlânticos ou subatlânticos.

Tendo em conta a diversidade de situações e a exclusividade de algumas delas, pode-se considerar o património natural de Monchique, nomeadamente a sua flora, de uma riqueza e valor extraordinários. Porém, esta riqueza nacional sofreu, nos últimos anos, severas agressões, resultando em situações, nalguns casos, irreversíveis. Entre estas agressões, pode-se citar a exploração cerealífera em condições e solos inadequados, a expansão urbanística, a exploração do granito e, sobretudo, a exploração dos eucaliptais, não esquecendo, em anos recentes, a ação devastadora dos incêndios e o contributo que estes deram para a expansão descontrolada de algumas espécies invasoras, como as acácias de origem australiana.

Adaptado por Pedro Nuno Teixeira Santos a partir de: Malato Beliz, J. (1982), *A Serra de Monchique – Flora e Vegetação*, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, Lisboa.

As árvores monumentais de Monchique

É neste enquadramento natural de grande riqueza biológica e paisagística, que se encontram as árvores monumentais que compõem este roteiro. Algumas situam-se em ambiente agrícola ou florestal e outras em ambiente urbano, ladeando estradas ou em jardins público e privados.

Os espécimes constantes deste roteiro pertencem às seguintes espécies:

Araucária [*Araucaria heterophylla* (Salisb.) Franco]



Árvore perenifólia, que pode alcançar e mesmo ultrapassar os 50 metros de altura, de copa piramidal, possui distintos ramos verticilados, ou seja, que se inserem num mesmo nó, de simetria radial muito regular. Esta característica confere-lhe uma particular elegância, tendo-lhe valido o epíteto de excelsa (Nota: a espécie já foi designada como *Araucaria excelsa*).

A *Araucaria heterophylla* é uma espécie originária da Ilha de Norfolk, no oceano Pacífico, a leste da Austrália, entre a Nova Caledónia, a norte, e a Nova Zelândia, a sul. A espécie está representada na bandeira da Ilha de Norfolk, território com vasta autonomia face à vizinha Austrália.



Apesar de bastante disseminada como planta ornamental, quer de exterior, quer de interior, em climas mais frios, a *Araucaria heterophylla* é uma espécie considerada como vulnerável em termos de estatuto de conservação. Tal situação prende-se com o seu reduzido habitat e com a introdução de diversas espécies invasoras na Ilha de Norfolk.

A família *Araucariaceae* é relativamente pequena, possuindo apenas três géneros. Todas as espécies são nativas do Hemisfério Sul, da América do Sul e, em particular, da Oceânia, estando um terço das espécies concentradas na ilha da Nova Caledónia.

Azevinho (*Ilex aquifolium* L.)



O azevinho, espécie perenifólia, sendo mais frequente na forma arbustiva, pode atingir um porte arbóreo, podendo mesmo alcançar os 20 metros de altura. A espécie distingue-se pelas folhas coriáceas, com uma nervura marginal verde clara, onduladas, podendo a margem ser espinhosa ou lisa. A espécie é dioica, ou seja, existem plantas que produzem flores masculinas e outras que produzem flores femininas, sendo que apenas estas ostentam os característicos frutos carnudos e globosos, de cor vermelha.

É autóctone no território continental, existindo nas ilhas duas outras espécies, o *Ilex perado* (nos Açores e na Madeira) e o *Ilex canariensis* (apenas na Madeira). Para alguns botânicos, o azevinho é, provavelmente, um elemento da antiga flora paleotropical ou subtropical que, tendo sobrevivido ao último período de glaciações, se adaptou às novas condições atlântico-mediterrâneas, sendo, na atualidade, vulgar no sub-bosque de carvalhais, nas margens de cursos de água, podendo ser uma espécie pioneira em zonas temperadas.

O azevinho é uma planta utilizada na medicina popular, apesar da toxicidade das suas folhas e frutos. A espécie

está associada à quadra natalícia, em particular na cultura anglo-saxónica, tendo entrado na cultura britânica da era cristã, apesar do lastro de planta mágica dos tempos pagãos, derivado da sua toxicidade. De igual modo, também no nosso país, para proteger os exemplares espontâneos do desbaste ou corte, em particular durante o período de Natal, foi criado o Decreto-Lei n.º 423/89.

A família *Aquifoliaceae* é de média dimensão, com mais de 400 espécies, todas pertencentes ao género *Ilex*. Todas as espécies são dioicas e produzem um fruto carnudo (drupa) colorido. As plantas desta espécie possuem como característica peculiar, uma via metabólica capaz de levar à produção de cafeína.

Carvalho-de-Monchique (*Quercus canariensis* Willd.)



Árvore semicaducifólia ou marcescente que pode atingir os 30 metros, de copa ampla e largamente ovoide, com folhas de tamanho irregular, entre os 5 e os 20 centímetros de comprimento, caracterizadas por possuírem as nervuras secundárias (de 6 a 18) salientes, paralelas e muito retas, por vezes com pelos, na página inferior, concentrados na zona de ramificação das nervuras secundárias.

É autóctone em Portugal, embora muito rara, limitada à Serra de Monchique (daí o seu nome vernáculo), surgindo em zonas de sobreirais, em encostas húmidas e frescas, por vezes junto a cursos de água. A espécie ocorre também em Espanha, sobretudo na Andaluzia (zona de Gibraltar) e no norte de África (Argélia, Marrocos e Tunísia).

As folhas podem durar mais do que um ciclo anual, não sendo raro, sobretudo em zonas mais húmidas e quentes, que estas não morram durante o inverno. Assim sendo, na primavera, estes carvalhos podem apresentar folhas verdes recentes, folhas secas desde o outono e outras ligeiramente amareladas, como consequência da passagem do inverno.

A família *Fagaceae*, de média dimensão, é formada por seis géneros e cerca de 600 espécies, na sua maioria com origem nas zonas temperadas do Hemisfério Norte, com exceção do género *Nothofagus*, exclusivo do Hemisfério Sul. As fagáceas são, na sua maioria, árvores de folhas simples e flores unissexuais, que produzem frutos secos encerrados num ouriço (castanheiros e faias) ou com uma cúpula escamosa na base, no caso das bolotas das diferentes espécies de carvalhos.

Castanheiro (*Castanea sativa* Mill.)

Árvore caducifólia, que pode alcançar os 30 metros de altura, caracteriza-se pelo tronco fendido em placas verticais e pela produção de frutos (castanhas) inseridos em grupos (dois a quatro) no interior de uma cúpula espinhosa (ouriço).

Presume-se que não seja autóctone em Portugal, apesar de recentes estudos, na Serra da Estrela, terem identificado pólen fóssil de castanheiro com cerca de 8 000 anos. Possivelmente, o castanheiro ter-se-á extinto já durante a primeira metade do Holocénico (era que se iniciou há cerca de 10 000 anos) e terá sido reintroduzido durante a proto-história (primeiro milénio a. C.). Assim sendo, consideram-se as atuais populações de castanheiro da Europa ocidental como tendo tido origem na região mediterrânica oriental.

A “árvore-do-pão”, como também é conhecido o castanheiro, tem uma relevante importância histórico-cultural no nosso país, em particular no norte e centro do território, em parte derivado do facto da castanha ter sido, pelo menos até à introdução da batata, após a chegada dos espanhóis aos Andes peruanos, uma das principais fontes de hidratos de carbono para as populações do sul da Europa. No século XIX a espécie sofreu uma forte regressão, causada pela doença da tinta e, em menor grau, pelo cancro do castanheiro. Estas doenças dizimaram vários soutos e alguns dos melhores exemplares desta espécie existentes em Portugal.

O castanheiro (o género *Castanea* possui 12 espécies, todas no Hemisfério Norte), tal como a faia (género *Fagus*)

e todos os carvalhos (género *Quercus*) pertence à família *Fagaceae*. Muitas fagáceas têm interesse ornamental e são fonte importante de madeira, para além do valor comercial do respetivo fruto, como é o caso do castanheiro.

Eucalipto (*Eucalyptus globulus* Labill.)

Árvore perenifólia, de crescimento rápido, podendo ultrapassar os 50 metros de altura. A casca do tronco destaca-se em longas tiras longitudinais que se mantêm pendentes durante algum tempo, embora nas árvores mais velhas a casca se torne persistente na base da árvore. As folhas adultas são falciformes ou lanceoladas, brilhantes e com um longo pecíolo, podendo atingir os 30 cm de comprimento. As flores são solitárias e o fruto é uma cápsula lenhosa, verrugosa, com quatro saliências (costas) longitudinais.

O *Eucalyptus globulus* é uma espécie originária da Austrália, mais especificamente do Sul do Estado de Vitória e da ilha da Tasmânia, onde é considerado um símbolo oficial da região. Produz uma madeira duradoura e os seus óleos aromáticos são utilizados para o fabrico de perfumes, sendo ainda uma planta melífera e medicinal.

No nosso país, foi introduzido no século XIX, juntamente com outras espécies de eucaliptos, com o objetivo de ajudar a drenar zonas pantanosas e pelo valor e aplicações da sua madeira. No decurso da segunda metade do século XX, devido ao seu aproveitamento para fabrico de pasta de papel, no qual o nosso país foi pioneiro, a área ocupada pela espécie aumentou de cerca de 150 mil hectares na década de 60, para os atuais mais de 600 mil hectares, tornando-se numa das árvores mais cultivadas em Portugal. Em consequência, no presente, perto de dois terços da área ocupada pela espécie a nível mundial, concentram-se na Península Ibérica.

A família *Myrtaceae* é numerosa, com mais 80 géneros e 5 mil espécies, distribuídas sobretudo por climas tropicais e subtropicais, principalmente na Austrália, apesar de incluir espécies de climas temperados, como a *Myrtus communis* (murta), autóctone no nosso país. Dada a diversidade de espécies que compõem a família, encontramos nesta plantas com diferentes utilizações, desde a ornamental à medicinal, passando pela produção de madeira ou de pasta de papel.



Magnólia (*Magnolia grandiflora* L.)



Árvore perenifólia, que pode ultrapassar os 30 metros de altura, possui folhas inteiras e elípticas, com um característico indumento lanoso alaranjado na página inferior. Outra característica distintiva desta espécie são as suas vistosas flores, de pétalas brancas, que crescem isoladamente nas extremidades dos ramos, podendo alcançar os 30 cm de diâmetro (as maiores do género).

A *Magnolia grandiflora* é uma espécie nativa do sudeste dos Estados Unidos da América (EUA), desde o Texas, a oeste, até ao sul da Virgínia, a leste. A flor da magnólia é um símbolo dos estados do Louisiana e do Mississipi, estado no qual a magnólia é considerada a árvore oficial desde Abril de 1938.

A magnólia foi introduzida na Europa, no século XVIII, em Inglaterra e França, sendo o livro *The Gardeners Dictionary* (1731), do botânico escocês Philip Miller, uma das obras mais antigas na qual a espécie está referenciada. Um dos exemplares mais antigos existentes no Velho Continente, plantado em 1807, situa-se no *Jardin des Plantes*, na cidade francesa de Nantes.

A família *Magnoliaceae* abrange centenas de espécies, com origem no continente americano e asiático. A flor das *Magnoliaceae*, de acordo com algumas correntes botânicas, será um modelo apropriado para as flores das primeiras angiospérmicas (*plantas com flor*) surgidas numa altura em que os dinossaúrios ainda dominavam o nosso planeta, há milhões de anos.

Plátano (*Platanus orientalis* L. var. *acerifolia* Aiton)



Árvore caducifólia que pode ultrapassar os 30 metros de altura, facilmente reconhecível pelas folhas palmíneas, profundamente recortadas e pelo característico tronco marmoreado, com um ritidoma que se vai destacando em placas acastanhadas, produzindo frutos secos (aquénios) agrupados em infrutescências globosas.

O plátano é uma das árvores ornamentais mais plantadas no nosso país e em diversos pontos da Europa, dada a sua resistência à poluição e a densa sombra que proporciona a sua copa vigorosa. Porém, a sua resistência às podas, fazem desta espécie uma vítima frequente de rolagens abusivas. Apesar da grande disseminação da espécie, continua a não ser consensual a sua origem e natureza, existindo uma corrente que defende que esta espécie é um híbrido resultante do cruzamento entre os plátanos europeu e asiático (*Platanus orientalis*) e o plátano norte-americano (*Platanus occidentalis*), que teria ocorrido, em França ou Espanha, no século XVII, apesar de haver outras referências que atribuem a John Tradescant (filho), botânico inglês do século XVII, a origem deste cruzamento. Porém, a descoberta, na Turquia, de populações com uma morfologia idêntica às dos exemplares plantados como ornamentais, levou a sua reclassificação como uma variedade do *Platanus orientalis*, nativo do sudeste europeu e zonas do médio oriente.

A família *Platanaceae* é de reduzida dimensão (um género e 10 espécies) distribuídas pela América do Norte, sudeste europeu e Ásia Menor. É constituída por árvores caducifólias, que originam madeira de qualidade, sendo muito apreciadas, igualmente, como árvores de sombra.

Sobreiro (*Quercus suber* L.)



Árvore perenifólia, de copa arredondada e que pode chegar aos 20 metros de altura, com folhas que se caracterizam pelo contraste entre o tom verde da página superior e o tom esbranquiçado da página inferior, derivado de uma densa pelagem. No entanto, o que torna esta espécie inconfundível face aos demais carvalhos é o ritidoma acentuadamente suberoso que possui ou, em linguagem vulgar, a intensa produção de cortiça, que se regenera integralmente quando é retirada.

Esta espécie autóctone, por ventura a mais emblemática da flora arbórea do território continental, concentra-se, na atualidade, sobretudo em zonas de montado (cerca de 70% do total), surgindo ainda em bosques em zonas de influência mediterrânica, tendendo a rarear em solos húmidos e de natureza calcária. O sobreiro é uma espécie confinada ao Mediterrâneo ocidental (Península Ibérica, sul de França, costa ocidental de Itália, norte de África e ilhas do Mediterrâneo, como a Córsega, Sardenha e Sicília). No entanto, o sudoeste da nossa península possui o ótimo ecológico para o sobreiro, o que ajuda a explicar que um pouco mais de 30% da área total desta espécie se situe em Portugal. Daqui resulta o facto de o nosso país ser líder no setor da cortiça, produzindo perto de 200 000 toneladas por ano, mais de 50% do total.

Dada a importância do sobreiro, a diferentes níveis, para o nosso país, a mesma encontra-se protegida pelo Decreto-Lei n.º 169/2001. No ano de 2011, com base numa iniciativa da sociedade civil, o parlamento português, através do Projeto de Resolução n.º 123/XII/1.º, instituiu o sobreiro como a *Árvore Nacional de Portugal*.

Como os demais carvalhos (género *Quercus*), também o sobreiro pertence à família *Fagaceae*. As árvores desta família dominam uma parte significativa das florestas das zonas temperadas da Europa e da América do Norte. Os *Quercus* arbóreos dominaram a paisagem vegetal primitiva continental de Portugal, pelo menos até à Idade do Ferro.

Não reparas em como Deus exemplifica? Uma boa palavra é como uma árvore nobre, cuja raiz está profundamente firme, e cujos ramos se elevam até ao céu. - SURATA 14. IBRAHIM" ABRAÃO 24



CIRCUITO DA VILA

O Circuito da Vila permite visitar as 5 árvores classificadas ou em vias de classificação bem como exemplos da paisagem florestal típica da serra de Monchique. O circuito segue um percurso com 2 setores, um de 4 km e outro de 2 km, sendo este último o circuito mais acessível para toda a família. Uma vez que se desenrola perto da vila permite desvios e paragens segundo o desejo de cada um. O circuito passa por jardins e bosques e é uma oportunidade para apreciar também alguns aspetos da arquitetura da vila e das tradições da terra.

Distância total: 6,3 km

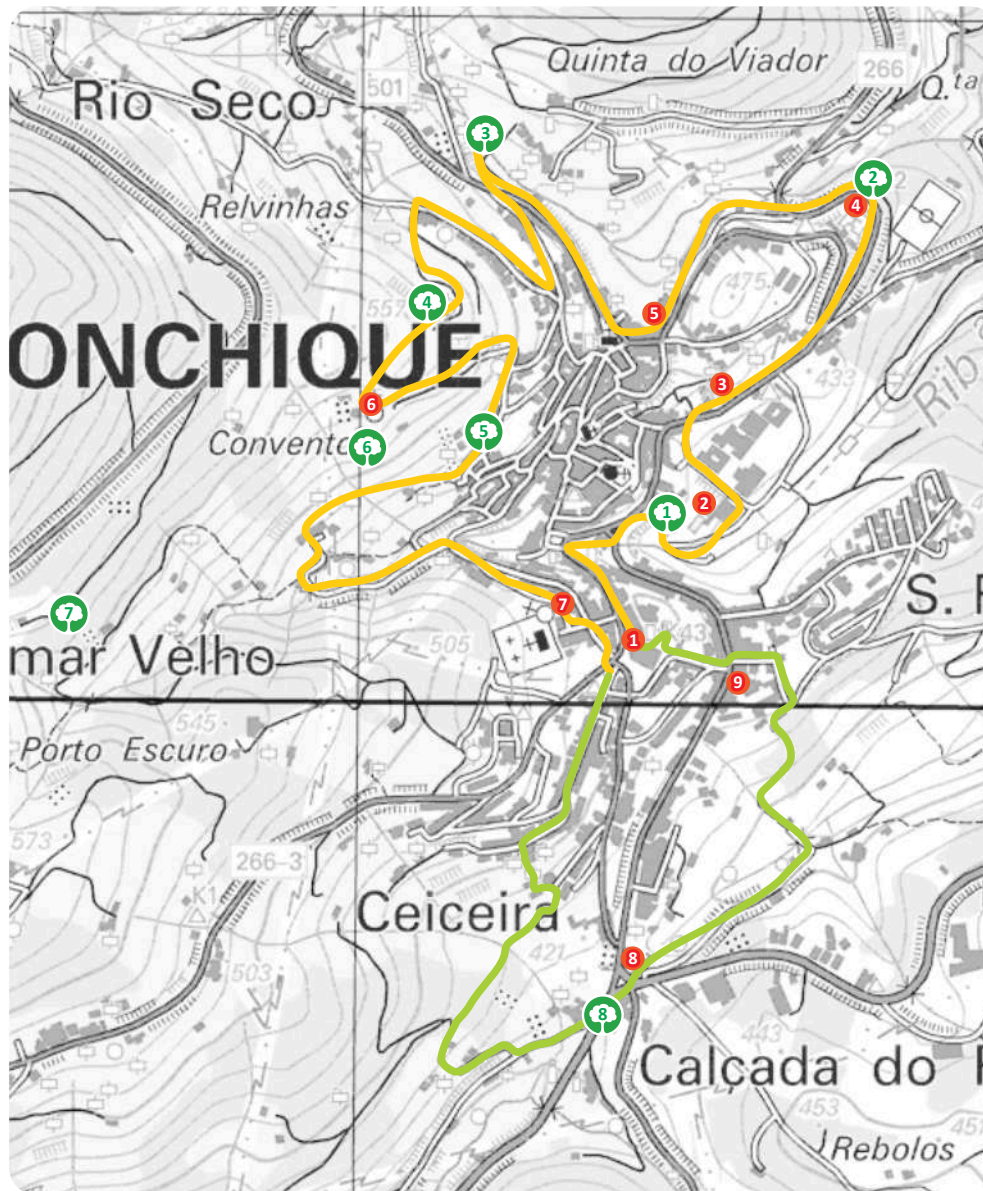
Desnível: 145 m

Dificuldade: Fácil

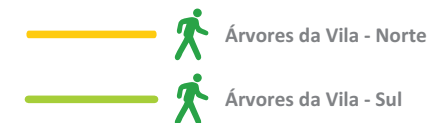
Duração: 3 horas

Modalidade: Pedonal

VILA ÁRVORES - NORTE E SUL

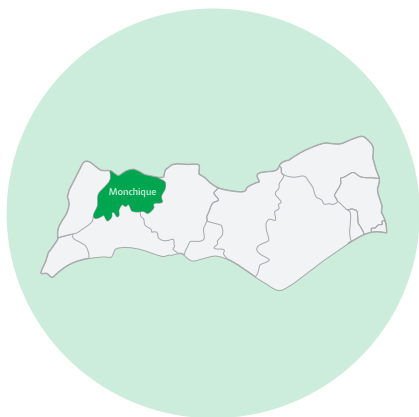


Legendas:



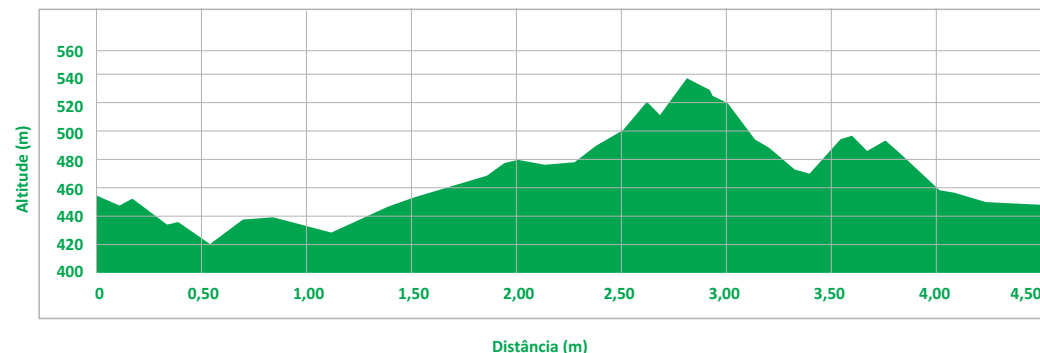
- 1 Araucaria Quinta da Vila
- 2 Eucaliptos - Centro de Saúde
- 3 Araucaria - Quinta do Viador
- 4 Sobreiral do Convento
- 5 Magnólia do Colégio Santa Catarina
- 6 Magnólia do Convento
- 7 Carvalho de Monchique - Pomar Velho
- 8 Alameda dos Plátanos - Pé de Cruz

- 1 Posto de Turismo
- 2 Quinta da Vila e Piscinas
- 3 Bombeiros
- 4 Centro de Saúde
- 5 Segurança social
- 6 Convento
- 7 Igreja de S. Sebastião
- 8 Pé da Cruz
- 9 GNR

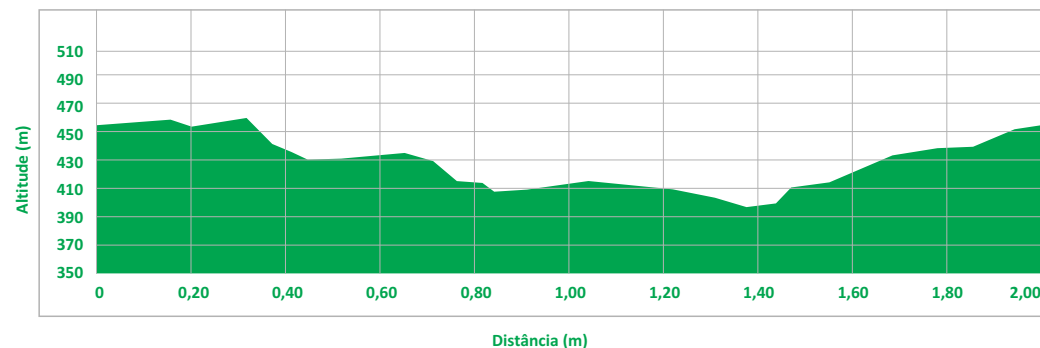




Perfil Topográfico VILA NORTE



Perfil Topográfico VILA SUL



1-Araucária Quinta da Vila

Idade: 150 anos
Última medição: 2006

Nº Processo: KNJ1/235

Classificação: D.R. nº 190 II Série de 14/08/1993

Nome Científico: *Araucaria heterophylla* (Salisbury)

Franco

Nome Vulgar: araucária-de-norfolk

Família: *Araucariaceae*

Perímetro da Base: 10,2 m

Perímetro do tronco a 1,30 m: 4,1 m

Diâmetro da Copa Norte/Sul: 19,0 m

Diâmetro da Copa Este/Oeste: 20,0 m

Altura: 36,5 m



Interesse histórico ou paisagístico: Árvore de fuste largo e cilíndrico, de grande porte e altura, que se avista de toda a Vila de Monchique, constituindo um marco na paisagem e uma referência na memória local. Tem grande beleza e valor paisagístico. Situa-se num pequeno terraço do Parque Municipal.

Curiosidades: A tradição de plantar uma árvore para celebrar acontecimentos sociais tem longa história na região mediterrânica. A comunidade judaica plantava uma árvore para celebrar o nascimento de um filho (um cedro) ou uma filha (pinheiro ou cipreste). Depois a madeira das duas árvores era usada na construção do pavilhão da cerimónia do seu casamento. Neste caso, diz-se que esta Araucária-de-norfolk na Quinta da Vila foi plantada para celebrar um casamento.

Em meados do século passado, e para demonstrar a sua coragem e ser bem visto pelas raparigas da vila, um jovem escalou a árvore para recolher a ponta (flecha) e regressou são e salvo com a ponta da árvore para mostrar a sua

destreza. A árvore sobreviveu a estes danos e agora é possível ver, a partir do Miradouro do Largo de São Sebastião, as duas pontas de crescimento que a árvore criou.

Quando a Quinta da Vila passou de propriedade privada para a Câmara Municipal, esta Araucária passou a ser a peça central da decoração natalícia da vila – uma verdadeira Árvore de Natal.

Um passeio pelo Jardim da Vila permite ver uma variedade de árvores importantes para a economia da serra: medronheiros, ginjeiras, limoeiros e laranjeiras, bem como outras das zonas ripícolas, incluindo os chorões, que tanta falta fazem no Largo.

As autoridades da Primeira República mudaram o nome de sete ruas da Vila. O Largo dos Chorões ficou com o nome oficial de “Largo 5 de Outubro”. Diz-se que cada vez que colocavam uma placa com este nome, ela depressa desaparecia.

Os chorões já se encontram somente no Jardim da Vila, e a vontade popular está a adotar o nome “Largo da Nora”.

2 - Eucaliptos do Centro de Saúde

Classificação: Pendente.

Nome Científico: *Eucalyptus globulus* Labill

Nome Vulgar: Eucalipto

Família: *Myrtaceae*

Interesse histórico ou paisagístico: Conjunto de duas árvores de grande porte e altura, que marcam a saída da Vila na direção de Sabóia e Lisboa. Exemplares de grande beleza e valor paisagístico. Situam-se a leste da Estrada de Sabóia, em frente ao Centro de Saúde.

Perímetro da Base: 5,8m; 5,5m

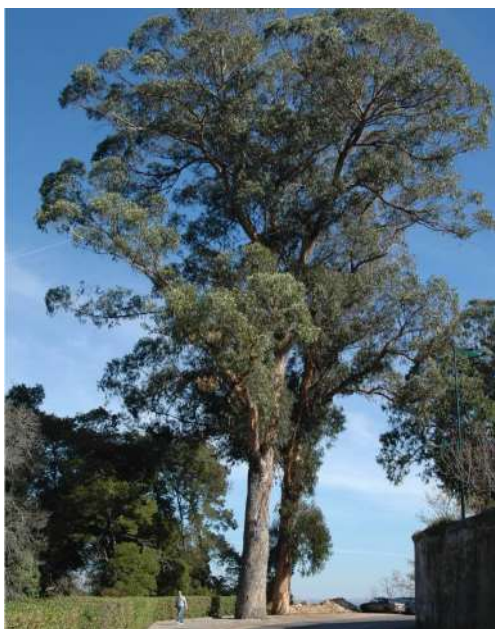
Perímetro do tronco a 1,30 m: 4,9m; e 6,1m

Altura total: 37,6m; e 40,0m

Diâmetro da Copa Norte/Sul: 23,5m; e 27,5m

Diâmetro da Copa Este/Oeste: 24,1m

Última medição: 2010



colêmbolos (pequenos animais, que podem medir geralmente entre 0,25 mm a 8 mm, e que têm uma função importante na ecologia do solo) e metade do número de espécies de borboletas. Somente 13 espécies de aves nidificam em plantações de eucalipto, comparado com 30 a 35 espécies nos montados.

Mas ao mesmo tempo, a introdução do eucalipto (mas não dos eucaliptais) tem tido um impacto positivo na nidificação da águia de Bonelli. Normalmente, na Europa a águia de Bonelli nidifica em zonas rochosas, mas agora no sudoeste de Portugal há uma população que nidifica em árvores altas. A maioria dos ninhos encontra-se em eucaliptos-comuns (*Eucalyptus globulus* Labill), mas também em pinheiros-bravos (*Pinus pinaster* Aiton), pinheiros-de-Monterey (*Pinus radiata* D. Don), sobreiros (*Quercus suber* L.) e eucalipto negro (*Eucalyptus camaldulensis* Dehnh). Nesta zona, somente um ninho é conhecido em eucaliptais de produção.

Nas plantações de eucalipto, os incêndios florestais podem ser, em determinadas condições ambientais, mais difíceis de controlar dado o facto dos eucaliptos produzirem e armazenarem óleos e resinas inflamáveis. Nos incêndios de 2003, arderam na Serra de Monchique 40 mil hectares de floresta, correspondendo a 70% do total. O impacto destes incêndios é ainda visível nas florestas. O medronheiro e o sobreiro estão adaptados a um regime de incêndios, e começam a recuperar dentro de algumas semanas após um incêndio. Mas as duas espécies introduzidas, o eucalipto e a acácia, são ainda mais resistentes e, após um incêndio, podem apresentar sinais de recuperação em apenas alguns dias.

3 - Araucária Quinta do Viador

Nº Processo: KNJ1/234

Classificação: D.R. nº 190 II Série de 14/08/1993

Nome Científico: *Araucaria heterophylla* (Salisbury) Franco

Nome Vulgar: araucária-de-norfolk

Família: *Araucariaceae*

Interesse histórico ou paisagístico: Árvore monumental, de fuste grosso e de grande altura que se avista ao longe. Situa-se num terraço murado que lhe serve de caldeira tendo à sua volta bancos e mesas. A árvore constitui um marco na paisagem, uma referência na memória histórica de Monchique.

Perímetro da Base: 6,3 m

Perímetro a 1,30 m: 4,8 m

Diâmetro da Copa Norte/Sul: 18,0 m

Diâmetro da Copa Este/Oeste: 17,0 m

Altura: 44,0 m

Idade: 150 anos

Última medição: 2006



Observações: Na entrada da Quinta do Viador encontra-se um dos tanques públicos para lavar roupa, que recebe água da nascente e que é utilizado até aos dias de hoje. A montante, nas encostas mais frescas, existem soutos castanheiros (*Castanea sativa* Mill.) uma árvore muito importante pela produção de castanha (e que dá nome a algumas festas muito concorridas em todas as freguesias do concelho).

Na Quinta do Viador encontramos o segundo maior exemplar de araucária na vila. A tradição de plantar uma árvore para celebrar acontecimentos sociais tem longa história na região mediterrânica. Neste caso, foi a família Pacheco que plantou esta árvore para celebrar o nascimento de um filho.

O vale de Mata Porcas, onde se encontra esta araucária, tem um microclima específico, protegido dos ventos frios do norte e recebendo o sol da manhã, que afasta a geada no inverno. Este microclima protegido fica demonstrado pela existência próxima de uma palmeira-das-canárias (*Phoenix canariensis* Chabaud), oriunda das ilhas Canárias, e uma palmeira *Washingtonia* com origem nas Américas.

4 - Sobreiral do Convento

Nome Científico: *Quercus suber* L

Nome Vulgar: Sobreiro

Família: *Fagaceae*

Sobreiro 1 (1ª à esquerda a descer do convento)

Perímetro a 1,30 m: 3,55 m

Altura: 24 m

Sobreiro 2 (2ª à esquerda a descer do convento)

Perímetro a 1,30 m: 3,20 m

Altura: 17 m

Sobreiro 3 (junto à magnólia)

Perímetro a 1,30 m: 4,81 m

Última medição: 2006



Observações: Este era um conjunto de três eucaliptos de grande porte. A 26 de Janeiro de 2013, uma semana depois dos grandes temporais que se fizeram sentir em todo o país, uma destas árvores caiu. No entanto, os dois exemplares maiores sobreviveram e aguardam, a esta data, a classificação como Árvores de Interesse Público.

No outro lado da estrada, no jardim do Centro de Saúde, encontra-se uma boa coleção de cameleiras e hortênsias, arbustos e flores frequentemente utilizadas pelos habitantes da vila para decorar as suas propriedades.

Curiosidades: No Concelho de Monchique, 68% do território está ocupado por floresta, 80% da qual é eucaliptal. No final do século XX, a fileira florestal para pasta de papel era uma das mais importantes atividades económicas do Município.

Esta transformação dos matos em floresta de produção tem tido impactos negativos na ecologia da serra. Durante este período desapareceram a águia-imperial, a águia-real e o lince ibérico. Vários estudos mostram que a biodiversidade nas plantações de eucalipto é mais baixa do que nos montados e soutos, havendo menos 40% de espécies de



Observações: Nos bosques à volta do Convento é comum encontrar a gilbardeira (*Ruscus aculeatus* L.). Este pequeno arbusto com folha persistente, cresce até um metro de altura. A gilbardeira ocorre praticamente em todo o tipo de terrenos, mas prefere os locais frescos e sombrios. Contudo não aguenta os frios e as geadas das altitudes mais elevadas. É frequente nas florestas de sobreiro, de azinheira e tolera razoavelmente a seca.

Curiosidades: O circuito junta-se à Via Algarviana dentro do sobreiral próximo ao Convento de Nossa Sr.ª do Desterro. O Convento foi fundado em 1631 por Pêro da Silva, e de acordo com a lenda, foi um resultado de uma promessa feita por dois navegantes em perigo no alto mar. O convento Franciscano foi destruído pelo terramoto de 1775 e encontra-se parcialmente em ruínas. Após a extinção das Ordens Religiosas em 1834, os retábulos e imagi-nária foram distribuídos pelas outras igrejas na proximidade. O Convento continua ocupado por família de rendeiros. Deve ser respeitada a sua privacidade, mas por vezes oferece-se uma visita à casa. Em 2011 o Convento foi motivo de uma peça de teatro pelo grupo Karnart no teatro municipal Maria Matos em Lisboa.



5/6 - Magnólia de Santa Catarina / Convento

Nº Processo: KNJ1/077

Classificação: DG nº 105 II Série de 08/05/1947

Nome Científico: *Magnolia grandiflora* L.

Nome Vulgar: magnólia-sempreverde

Família: *Magnoliaceae*

Interesse histórico ou paisagístico: Exemplar de porte extraordinário, que se avista do centro da Vila de Monchique, como um marco à frente do Convento. Infelizmente, esta árvore encontra-se em acentuado declínio.

Morada: Junto ao Convento de Nossa Senhora do Desterro

Perímetro da Base: 6,7 m

Perímetro a 1,30m: 5,54 m

Diâmetro da Copa Norte/Sul: 24,0 m

Diâmetro da Copa Este/Oeste: 30,0 m

Altura: 27,0 m

Idade: 200 anos

Última medição: 2006



Observações: O palacete da família Mascarenhas, na Rua do Castelo, foi mandado construir por José Gregório de Figueiredo Mascarenhas (Silves, 1843 - Monchique, 1904), militar e político. Tem a data de 1895, e o estilo é o revivalista do fim do século, inspirado no Barroco e Neoclassicismo. Supostamente havia neste sítio um antigo castelo, o que tem toda a lógica, sendo este um ponto ideal para controlar a passagem do Algarve para o Alentejo pelas serras.

Curiosidades: Considerada a mais alta da sua espécie em Portugal, esta magnólia (*Magnolia grandiflora* L.) encontra-se próxima das ruínas do Convento de N. Sra. do Desterro, fundado em 1631. Porém, esta árvore já não é acessível ao público. Em 2011, perdeu todas as suas folhas e encontra-se sob vigia e tratamento para facilitar a sua recuperação. No jardim do Colégio de Santa Catarina, há um exemplar, supostamente descendente desta Magnólia, semeado no seu jardim, agora demolido. Podem ainda ser encontrados outros espécimes na entrada do Lar da Misericórdia na Rua de Calouste Gulbenkian e na Quinta Grande, Cruz de Madeiros.



7 - Carvalho-de-Monchique do Pomar Velho

Nº Processo: KNJ1/320

Classificação: D.R. nº 81 de 07/04/1997 com posterior rectificação no D.R. nº 129 de 05/06/1997.

Nome Científico: *Quercus canariensis* Willdenow

Nome Vulgar: carvalho-de-Monchique

Família: *Fagaceae*

Perímetro da Base: 7,0 m

Perímetro do tronco a 1,30 m: 3,78 m

Diâmetro da Copa Norte/Sul: 23,0 m

Diâmetro da Copa Este/Oeste: 21,0 m

Altura: 28,0 m

Idade: 200 anos

Última medição: 2006



Interesse histórico ou paisagístico: Verdadeiro monumento vivo, quer pela raridade da espécie quer pelo seu porte. A árvore é um representante de um tipo de vegetação já desaparecido e de grande valor científico, botânico, cultural e turístico.

Curiosidades: Ermida de S. Sebastião e os ciprestes - O rei D. Sebastião mandou construir Ermidas nas entradas de todas as Vilas para agradecer a cessação da Peste Grande.

A pedra por cima da porta principal mostra o símbolo do São Sebastião, com o coração desfeito com setas. Por dentro, a decoração é muito simples, de registar são as colunas fantasiosas que integram o retábulo do altar e a imagem (transladada do Convento) da Nossa Senhora do Desterro datada do séc. XVII.

O cipreste é uma árvore nativa do Sul da Europa e do Mediterrâneo que chega a medir 45 m, com copa estreita e esguia, ramos nivelados e raminhos pêndulos e ramificações terminais lineares. É uma espécie de grande longevidade e de folha persistente. Alguns chegam a viver mais de um milénio.

Tem sido utilizada como símbolo recorrente da tristeza, da melancolia e da morte ou vida eterna. Não obstante, mantém-se como uma árvore particularmente apreciada para fins decorativos. A sua madeira aromática já era utilizada por egípcios, na construção dos sarcófagos. Os gregos apreciavam a homogeneidade da madeira para fazer móveis. Foi utilizado nos ritos funerários pelos Romanos, e é a árvore mais comum nos cemitérios de ambos os mundos cristãos e muçulmanos.



8 - Alameda de Plátanos

Nº Processo: KNJ3/021

Classificação: D.R. nº 190 de 14/08/1993 com posterior rectificação no D.R. nº 1 de 03/01/0/1994

Nome Científico: *Platanus orientalis* L. var. *acerifolia* Aiton

Nome Vulgar: plátano-vulgar (17 exemplares)

Família: *Platanaceae*

Perímetro da Base: 4,5 m

Perímetro do tronco a 1,30 m: 3,75 m

Diâmetro da Copa Norte/Sul: 24,0 m

Diâmetro da Copa Este/Oeste: 21,0 m

Altura: 30,0 m

Idade: 100 anos

Última medição: 2006



Quando foi plantada, a alameda era composta por dois alinhamentos de catorze árvores cada. Este número talvez esteja relacionado com as catorze Estações da Cruz que fazem parte da Via Crucis. Nessa altura, não existiam outros edifícios à volta da alameda que enquadrava perfeitamente com a Ermida do Pé da Cruz.

Esta ermida, datada de 1680 conforme inscrito na lápide sob a porta, faz parte do património arquitetónico da vila. A Via Crucis (do latim Via Crucis, "caminho da cruz") é o trajeto seguido por Jesus carregando a cruz, que vai do Pretório até o Calvário.

Após mais de 100 anos de existência, somente 17 árvores têm resistido à passagem de tempo. Destas, três foram abatidas em 2010 devido ao risco de colapso e foram substituídas por novos exemplares. Já não há espaço para replantar as outras onze árvores devido às construções mais recentes.

Interesse histórico ou paisagístico: Magnífica alameda de altos e frondosos plátanos, implantados de ambos os lados da EN. 266 (Pé da Cruz), à entrada da Vila de Monchique. Apresenta 9 plátanos do lado poente e 8 do lado nascente. A alameda avista-se ao longe e tem grande efeito cenográfico e paisagístico.

Observação: As medições correspondem à árvore do extremo norte, do lado ocidental.

Lenda: Coração do Plátano das Caldas de Monchique. Reza a lenda que havia tantos corações desenhados no velho plátano, que a árvore acabou por ganhar alma e se perder de paixão por um abelharuco. Um dia a ave bateu asas e nunca mais voltou. O plátano desfez-se em lágrimas e refugiou-se na terra. Mas porque o tempo esbate até as marcas de um grande amor, transformou-se em fonte e diz o povo que aquelas águas salvam agora vidas e amores desenganados.

Curiosidades: Nos meses de novembro e dezembro a serra de Monchique adquire um tom acastanhado com a chegada do Outono, preparando-se para a transformação das árvores caducifólias. É uma altura ideal para uma visita e um passeio na serra.

CIRCUITO DA PICOTA

O circuito da Picota é o mais comprido e mais apropriado para caminhantes experientes, BTT ou para automóvel. Uma parte do circuito segue a Via Algarviana, subindo à Picota. Os caminhantes podem diminuir a distância apanhando o autocarro entre Alferce e Monchique. Há oportunidade de observar sobreirais lindíssimos e um dos maiores sobreiros do Algarve e do país. Neste percurso, há também matos de Carvalhiça (*Quercus lusitanica* Lam.) que é natural de Portugal e também um notável exemplar de carvalho-de-Monchique (*Quercus canariensis* Willd.) que, em Portugal, somente se encontra na serra de Monchique.

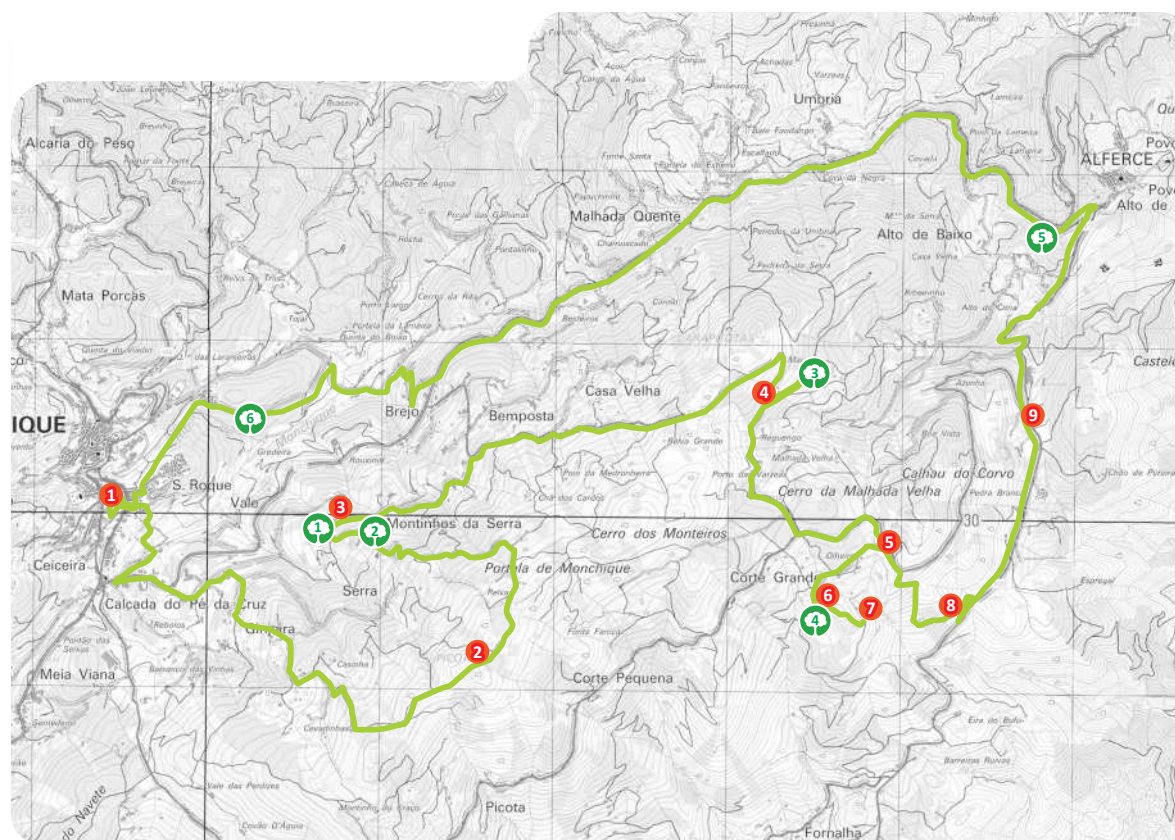
Distância total: 27 km

Desnível: 460 m

Dificuldade: Média

Duração: 8 horas

Modalidades: Pedonal e BTT



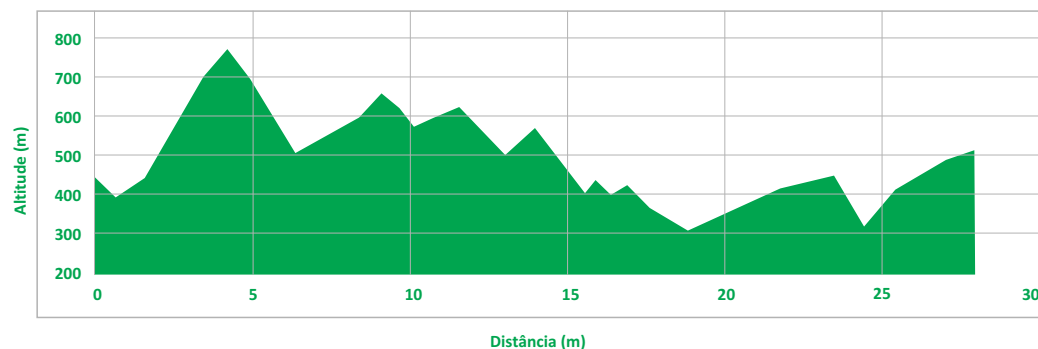
Legendas:



- 1 Sobreiral
- 2 Sobreiral
- 3 Sobreiro de Maia
- 4 Sobreiro de Corte Grande
- 5 Parque merendas
- 6 Magnólia
- 1 Posto de Turismo
- 2 Picota estacionamento
- 3 Sinalética Picota
- 4 Desvio para o Sobreiro de Maia
- 5 Desvio para Sobreiro
- 6 Ponto de observação
- 7 Vista panorâmica
- 8 Parque de Merendas
- 9 Castelo de Alferce



Gráfico do desnível Picota



1 - Sobreiro de Montinhos da Serra 1

Nome científico: *Quercus suber* L..
Nome vulgar: Sobreiro
Família: *Fagaceae*
Perímetro do tronco a 1,30 m: 3,32 m
Altura: 19,5 m
Diâmetro médio da copa: 20 m
Última medição: 2007



Em frente a esta árvore, do outro lado da estrada, encontra-se outro sobreiro de grande porte, com 20m de altura.

2 - Sobreiro de Montinhos da Serra 2

Nome científico: *Quercus suber* L..
Nome vulgar: Sobreiro
Família: *Fagaceae*
Perímetro do tronco a 1,30 m: 3,10 m
Altura: 18 m
Diâmetro médio da copa: 25 m
Rama maior: 17,5 m
Última medição: 2007



3 - Sobreiro da Maia

Nome científico: *Quercus suber* L..
Nome vulgar: Sobreiro
Família: *Fagaceae*



Esta árvore, apesar de ter ardidado em 2005, não morreu e apresenta sinais de alguma recuperação. Apesar de o seu estado vegetativo não ser o melhor, foi incluída neste guia devido ao seu porte, em particular o seu perímetro de tronco à altura do peito, com cerca de 4,80m (medição de 2009).

4 - Sobreiro da Corte Grande

Classificação: Pendente.
Nome científico: *Quercus suber* L..
Nome vulgar: Sobreiro
Família: *Fagaceae*
Perímetro da base: 8,1 m
Perímetro do tronco a 1,30 m: 5,9 m
Altura total: 17,5 m
Altura do Fuste: 1,35 m
Diâmetro da copa (N-S): 33 m
Diâmetro da copa (E-W): 30,6 m
Diâmetros da copa: 23; 22,3; e 13,8 m.
Última medição: 2010



Esta árvore encontra-se integrada num núcleo com três sobreiros com as seguintes medidas de perímetro do tronco: 3,45m, 3,4m e 2,8 m.

Curiosidades: O sobreiro da Corte Grande é considerado, até ao momento, o maior do Algarve e um dos maiores do país. Esta árvore situa-se no lugar da Corte Grande na encosta sul da Picota. Visível da estrada, localiza-se em terreno privado. Encontra-se em processo de classificação como árvore de interesse público.

Se caminhar uns 300 metros para sul, além do fim do alcatrão, encontrará uma vista espetacular da costa e da Barragem de Odelouca.



5 - Carvalho-de-Monchique da estrada do Alferce

Nº Processo: KNJ1/236

Classificação: D.R. nº 190 II Série de 14/08/1993

Nome Científico: *Quercus canariensis* Willdenow

Nome Vulgar: carvalho-de-Monchique

Família: *Fagaceae*

Localização: EN. 267 km 32,82 Alferce - Monchique

Perímetro da Base: 9,0 m

Perímetro do tronco a 1,30 m: 3,1 m

Diâmetro da Copa Norte/Sul: 23,0 m

Diâmetro da Copa Este/Oeste: 24,5 m

Altura: 25,0 m

Idade: 150 anos

Última medição: 2006



Interesse histórico ou paisagístico: Magnífico exemplar considerado raro em Portugal. Este exemplar é um representante de um tipo de vegetação já desaparecido e de grande valor científico, botânico, cultural e turístico.

Curiosidades: o epíteto específico (canariensis) do carvalho-de-Monchique poder induzir em erro, uma vez que este carvalho não cresce de forma espontânea nas Canárias. Esta designação teve origem num erro de etiquetagem, ocorrido durante a expedição botânica de Pierre Broussonet, naturalista francês nascido no século XVIII, às Canárias e norte de África.

Apesar de ser uma espécie extremamente rara no nosso país e desconhecida da maioria dos portugueses, o carvalho-de-monchique é utilizado como ornamental em paragens tão distantes como a Austrália

Usos e costumes: É uma árvore atualmente muito rara em Portugal. Tem um importante papel na proteção e criação do solo. Os carvalhais oferecem boas condições para muitas outras espécies, que resultam num alto nível de biodiversidade. Existem registos de uso da madeira para aduelas e para carvão e lenha.

6 - Magnólia da Quinta Grande,

Classificação: Pendente.

Nome Científico: *Magnolia grandiflora* L.

Nome Vulgar: Magnólia-sempreverde

Nome regional: Magnólia

Perímetro do tronco a 1,30 m: 4,1 m

Altura total: 18,9 m

Altura do Fuste: 6,4 m

Diâmetro da copa (N - S): 18,4 m

Idade provável: 100-200 anos

Última medição: 2010



Curiosidades: Poucos metros depois do carvalho-de-Monchique, continuando na direção de Monchique, há uma clareira de onde é possível ver o outro lado da margem da Ribeira de Monchique. É o melhor sítio para apreciar o porte desta magnólia, ao lado da casa da Quinta Grande, perto das ruínas da Ermida de Santa Brígida. Esta é a segunda maior magnólia do Concelho e, possivelmente, um descendente da magnólia que se situa perto do Convento.

Árvore plantada com amor, ninguém derruba. Uma verdadeira amizade, também.

Observações: No caminho para Alferce, do lado direito da Estrada, está o Castelo de Alferce. Este castelo, estrategicamente construído no cerro com vista para o Castelo de Silves, está relacionado com a arquitetura militar islâmica. Estudos apontam a sua importante função geoestratégica de vigilância e segurança às atividades, dando pré-aviso de uma intrusão. Diz o povo que o castelo de Alferce comunica com o de Silves por extensas galerias e túneis.

Possivelmente, o topónimo Alferce deriva de árabe alfaraz (cavaleiro) e poderá estar relacionado com a presença muçulmana no Castelo da Pedra Branca, que poderá ter sido uma guarda avançada da capital Silves.

No Alferce, não deixe de fazer o passeio até ao miradouro do Barranco do Demo, uma garganta onde descarregam as águas que irão desaguar à Ribeira de Monchique. Por aqui, voa a Águia de Bonelli, uma das poucas espécies que está em expansão nesta zona.

É também no Barranco do Demo, que está escondido um tesouro guardado e defendido pelo "Maligno" que, para o fazer, se transforma em bode.

A Igreja Matriz, dedicada a S. Romão, construída nos finais do séc. XV foi renovada em 1578, data inscrita no arco triunfal. De realçar a porta ogival e, no interior, a primitiva imagem do padroeiro em pedra, a cobertura da capela-mor e o seu retábulo em talha. Anexo à Igreja há um núcleo museológico de arte sacra. No período de Quinhentos, ou seja, o século XVI, houve um movimento de emancipação que levou ao aparecimento de novas freguesias. Alferce parece ter surgido nessa época. Anualmente, celebra-se o festival de São Romão.

Passeando pelo centro de Alferce, pode apreciar a mistura de arquitetura que abrange mais de 500 anos até ao presente. Na praça principal, ao pé da Junta de Freguesia há um painel em azulejo representando as atividades económicas da Freguesia que merece estudo.

Neste circuito, para além das árvores monumentais anteriormente mencionadas, existem outras formações botânicas que merecem destaque:

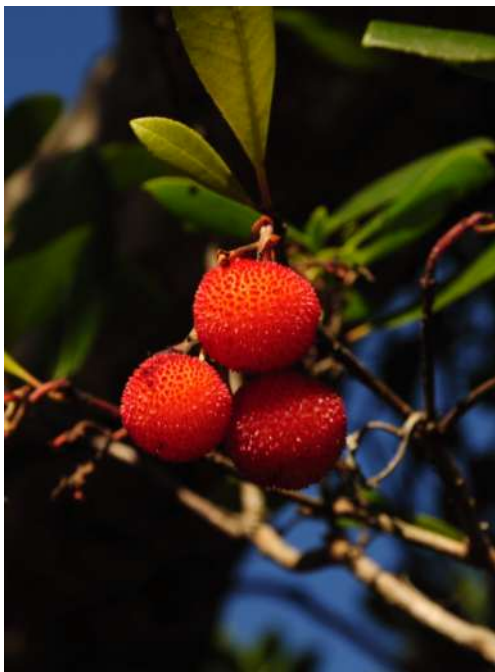
Medronhais: O medronheiro (*Arbutus unedo* L.) encontra-se em todo o território continental português, excetuando as zonas de maior altitude de alguns sistemas montanhosos do Norte e Centro e alguns locais mais secos do interior do país.





É uma espécie de folha persistente, que pode atingir porte arbóreo (até 10 metros), sendo mais frequente, em Monchique, na forma arbustiva (até 5 metros). A espécie floresce de outubro a fevereiro e a maturação dos frutos, globosos e avermelhados, ocorre apenas no outono do ano seguinte. É uma espécie de plena luz, que prospera em azinhais, sobreirais e bosques mistos, em precipícios e desfiladeiros fluviais. Na serra de Monchique, como referido anteriormente, os medronhais resultam da degradação de zonas anteriormente ocupadas por sobreirais.

As folhas e o ritidoma do medronheiro contêm taninos úteis na curtimenta de peles. Em medicina popular é utilizado como adstringente, como diurético e como antisséptico das vias urinárias.



Os medronhos são fermentados para obter aguardente, prática economicamente muito importante em Monchique. Esta importância leva a que estas formações vegetais sejam protegidas pelas populações locais, impedindo a recuperação dos sobreirais.

Matos de carvalhiça: A zona potencial de ocorrência da carvalhiça (*Quercus lusitanica* Lam.) no nosso país, inclui uma faixa na zona litoral oeste desde a ria de Aveiro até ao barlavento algarvio, progredindo para o interior ao longo do vale do Tejo.



A carvalhiça é um arbusto de folha persistente, raramente com mais de 50 centímetros que forma tapetes densos, o que faz desta espécie o *Quercus* mais pequeno do mundo. A espécie floresce de abril a maio, e como os demais carvalhos, o fruto é uma bolota que amadurece no outono.

Habita em terrenos secos, pedregosos, ácidos, muitas vezes em mosaico com matos de ericáceas. Os matos de carvalhiça podem surgir como resultado da degradação dos solos de zonas anteriormente dominadas por outros carvalhos marcescentes, como o carvalho-de-Monchique (*Quercus canariensis* Willd.) ou o cerquinho (*Quercus faginea* Lam.). Este facto leva a que muitas vezes se confunda a carvalhiça com a regeneração do cerquinho, apesar de se tratarem de espécies distintas.

A carvalhiça era outrora usada para compor as camas do gado.

Na serra de Monchique, para além da carvalhiça (*Quercus lusitanica* Lam.) estão referenciados a maioria das espécies de carvalhos autóctones em Portugal: azinheira (*Quercus rotundifolia* Lam.); carrasco (*Quercus coccifera* L.); carvalho-de-Monchique (*Quercus canariensis* Willd.); cerquinho (*Quercus faginea* Lam.) e o sobreiro (*Quercus suber* L.). Em adição, alguns autores⁽¹⁾, referem a possível existência de núcleos de carvalho-alvarinho (*Quercus robur* L.), na serra de Monchique, em regime de relíquia climática e vegetacional.

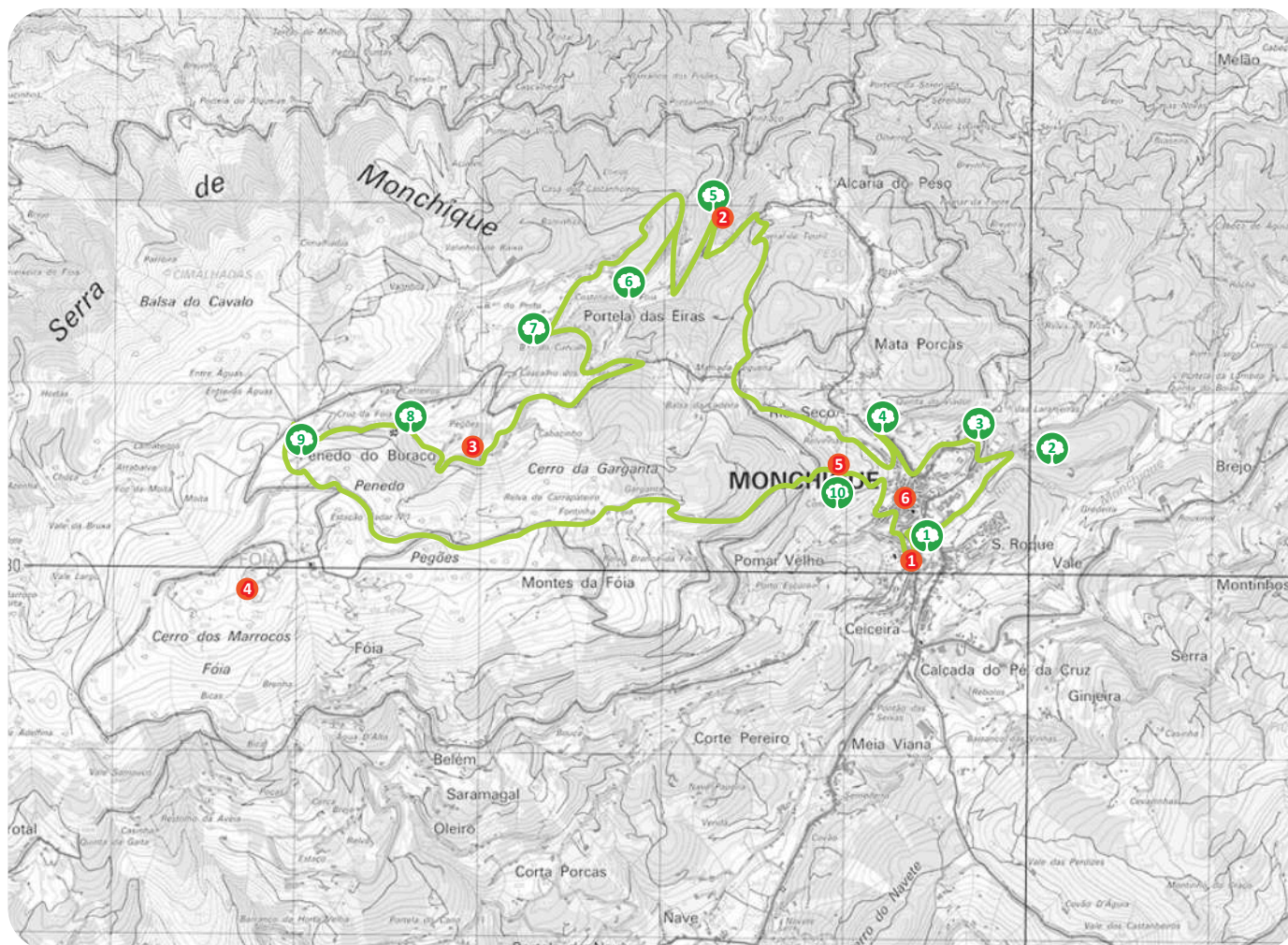
(1) Jorge Capelo e Filipe Catry in Sande Silva, Joaquim (Coord.) (2007), Os Carvalhais, um Património a Conservar, Público, Lisboa.



CIRCUITO DA FÓIA

O circuito da Fóia percorre 17 km e é indicado para caminhantes mais experientes ou praticantes de BTT. Neste percurso, aconselha-se levar piquenique e muita água. O percurso passa por algumas das árvores classificadas da vila, e continua por caminhos de terra batida ou pouco percorridos, até encontrar outras árvores de grande porte durante a subida gradual até ao pico da Fóia. Aí pode aproveitar as vistas espetaculares e, nos meses de junho e julho, pode-se apreciar a floração única das adelfeiras. O regresso à vila faz-se através da Via Algarviana, que segue um caminho pouco inclinado, chegando à vila através de um sobreiral bem conservado ao lado das ruínas do Convento da Senhora do Desterro.

Distância total: 17 km
Desnível: 840 m
Dificuldade: Média
Duração: 5 horas
Modalidades: Pedonal e BTT



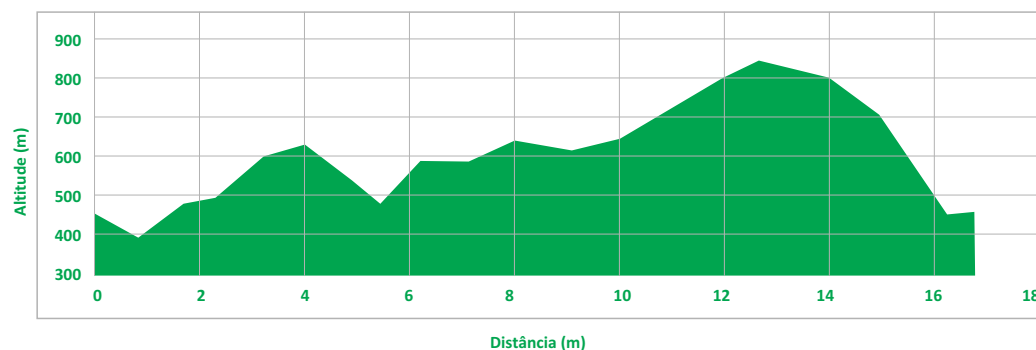
Legendas:



- 1 Auracária Quinta da Vila
- 2 Magnólia da Quinta Grande
- 3 Eucaliptos Centro de Saúde
- 4 Araucária Quinta do Viador
- 5 Plátano Pisões
- 6 Sobreiro Barranco dos Pisões
- 7 Azevinho
- 8 Castanheiro Penedo do Buraco
- 9 Adelfeiras da Fóia
- 10 Magnólia Convento
- 1 Posto de Turismo
- 2 Moinho do Poucochinho
- 3 Estação de tratamento de água
- 4 Fóia
- 5 Convento N. Sr.ª do Desterro
- 6 Povoação de Monchique



Gráfico do desnível Fóia



Plátano Barranco dos Pisões

Nº Processo: KNJ1/078
Classificação: DG. nº 105 II Série de 08/05/1947
Nome Científico: *Platanus orientalis* L. var. *acerifolia* Aiton
Nome Vulgar: plátano-vulgar
Perímetro da Base: 7,0 m
Perímetro do tronco a 1,30 m: 5,1 m
Diâmetro da Copa Norte/Sul: 26,0 m
Diâmetro da Copa Este/Oeste: 30,0 m
Altura: 41,0 m
Idade: 150 anos
Última medição: 2006



Interesse histórico ou paisagístico: Árvore notável, verdadeiro monumento vivo, de fuste grande e alto, de longas pernas, com copa de grande diâmetro, densa e frondosa, de grande valor paisagístico.

Outras observações: O Barranco dos Pisões é um dos maiores afluentes da Ribeira de Seixe. Este curso de água, numa parte significativa do seu percurso, delimita a fronteira entre o Algarve e o Alentejo, e desagua no Atlântico perto de Odeceixe. Ao longo do percurso desta ribeira há uma série de moinhos para moer trigo e milho, vários já recuperados para habitações e um, o Moinho do Poucochinho, reabilitado pela Junta de Freguesia de Monchique e que funciona como pólo museológico.

O nome do sítio vem da altura em que o Concelho de Monchique tinha uma indústria importante de produção de lã, associada à fição e tecelagem. Aqui os pisões (primitivos engenhos com um enorme martelo de madeira que a água levanta e faz cair sobre o tecido) preparavam a lã, tornando a ribeira turva – e aí o seu nome alternativo Ribeira da Tinta Negra. Alguns dos moinhos podem ter utilizado a mesma roda para movimentar quer a mó quer o pisão. O nome poderá também ter surgido antes da construção dos moinhos. Em tempos, Monchique produzia muito linho, utilizado para sacos e para o fabrico de corda. O linho era macerado nas ribeiras, e batido sobre pedras, os “pisões”, e depois deixado a secar. Esta atividade chegou a grau de intensidade tal em Portugal, que obrigou os monarcas a proibir a prática das macerações nas ribeiras pois conspurcava as águas que assim deixavam de ter préstimo para outros fins.

Que se traga já um pouco de água, e lavai os vossos pés, e recostai-vos debaixo desta árvore;
Gênesis 18:4

Sobreiro do Barranco dos Pisões

Nº Processo: KNJ1/414
Classificação: D.R. nº 115 II Série de 18/05/2002
Nome Científico: *Quercus suber* L.
Família: *Fagaceae*
Nome Vulgar: sobreiro
Perímetro da Base: 4,65 m
Perímetro do tronco a 1,30 m: 4,65 m
Altura: 15,0 m
Idade: 200 anos
Última medição: 2004



Observações: Esta árvore, localizada no Barranco dos Pisões, a montante do conhecido plátano, foi classificada de interesse público em maio de 2002, tendo sido completamente queimada pelo fogo de Setembro de 2003. Antes deste incêndio, este sobreiro era conhecido por produzir um grande volume de cortiça, havendo referências a quantidades superiores a 50 arrobas. Apesar de em alguns ramos surgirem tufo de folhas verdes, o prognóstico é muito reservado. As paisagens prósperas desta serra transformaram-se em negro desalento, mas cinco anos mais tarde já tinham a sua manta verde de novo vestida.



Conjunto de Azevinhos do Barranco do Carvalho

Nome científico: *Ilex aquifolium* L.

Nome vulgar: Azevinho (zebro)

Família: Aquifoliaceae

Idade: Cerca de 50 anos

Altura (aproximada) do maior exemplar: 10m

Última Medição: 2010



Curiosidades: Ao lado do Parque de Merendas no Barranco do Carvalho, localiza-se uma das fontes de água subterrânea que abastece o sistema de água potável de Monchique. O sistema de água foi construído no início dos anos 50, sendo posto em funcionamento e inaugurado em 1953. A vedação desta fonte foi delineada, plantando um conjunto de azevinhos. Alguns destes exemplares possuem uma altura significativa e pondera-se a sua classificação.

Observações: Nestes vales íngremes, mas verdes, é fácil compreender a variedade de habitats e microclimas que aqui existem naturalmente, mas também o impacto do homem. Nas encostas mais baixas e onde é possível regar, a falta de terra nivelada era o factor limitante na produção. Foi por essa razão que os quinteiros ou os proprietários construíram os socalcos ou terraços para aumentar a área

produtiva do seu terreno. Este investimento alterou a paisagem consideravelmente, criando a sensação dum desenho pintado de contornos. Agora, as plantações de eucalipto aproveitam técnicas parecidas para permitir a automatização da plantação, corte e recolha.

Nas encostas íngremes e rochosas encontram-se nascentes a descarregar o seu líquido precioso, muitas melhoradas pela intervenção humana, aprofundadas pela construção de minas ou com tanques para facilitar a rega.

Castanheiro do Penedo do Buraco

Classificação: Pendente

Nome científico: *Castanea sativa* Mill.

Nome vulgar: Castanheiro

Família: Fagaceae

Perímetro da base: 4,9 m

Perímetro a 1,30 m: 4,0 m

Altura total: 20 m

Altura do Fuste: 1,8 m

Diâmetro da copa (N-S): 24 m

Diâmetro da copa (E-W): 22,9 m

Última medição: 2010



Tradicionalmente, em Monchique, a madeira do castanheiro era usada para fabricar portas e janelas, sendo muito resistente às mudanças da humidade e aos ataques de fungos e insetos. Gerido em regime de talhadia, o castanheiro também produz estacas longas e direitas apreciadas para construção de tetos.

Os soutos em Portugal são produtores de valores de uso direto, onde se destaca a madeira, nos produtos lenhosos, e o fruto, os cogumelos, a caça, a pastorícia, o recreio, nos produtos não lenhosos. A produção, por estes sistemas, de valores de uso indireto é igualmente importante pela proteção do regime hídrico, do sequestro do carbono, e pela proteção da paisagem e biodiversidade.

Normalmente, os soutos são explorados em sistema agroflorestal, associando colheitas de curto prazo (tal como da castanha) com colheitas de longo prazo (da madeira). Neste sistema, o espaçamento recomendado entre árvores vai de 7 x 7 m (compasso mínimo) até 10 x 10m. Este espaçamento permite que as árvores possam instalar convenientemente a sua copa, de modo a privilegiar a produção de fruto. Nesta forma de produção, a árvore é conduzida, desde muito cedo, através de podas de formação com o objetivo de formar um tronco único, direito e cilíndrico até a altura de 3 a 4 m, para que se possa aproveitar melhor o rendimento do tronco em madeira. Para valorização desta madeira, a fim de serem obtidos toros de um comprimento

Neste circuito, para além das árvores monumentais anteriormente mencionadas, existe uma formação arbusciva de notável relevância botânica e paisagística.

Adelfeiras da Barragem da Fóia

Nome científico: *Rhododendron ponticum* L. subsp. *baeticum* (Boiss. et Reut.) Hand.-Mazz.

Nome vulgar: Adelfeira (também: aloandro ou adelfa)

Família: Ericaceae

Altura: 5 m - 8 m

Folhas: 6 a 18 cm por 2 a 5 cm

Flores: 3,5 a 5 cm diâmetro, lilás, entre abril e junho

Reprodução: Sexualmente ou vegetativamente



No território que hoje se chama Portugal, a vegetação primitiva dominante no final do Terciário(1) era constituída por espécies similares às que encontramos, hoje em dia, na Laurissilva característica da Madeira. Nesta Laurissilva ibérica do Terciário predominavam espécies de folha perene, adaptadas a um clima subtropical, relativamente quente e húmido.

Nesta floresta viviam espécies pertencentes a géneros hoje inexistentes na nossa flora autóctone, tais como *Magnolia* ou *Liquidambar*, juntamente com outros que sobreviveram às glaciações que caracterizaram o Pleistocénico(2), como *Arbutus*, *Rhododendron*, *Myrica* e *Prunus*.

1 O Terciário, um dos dois períodos da era Cenozoica, corresponde a um intervalo de tempo que se iniciou há cerca de 70 milhões de anos e acabou aproximadamente há 2 milhões de anos.

2 O Pleistocénico é uma das eras do período Quaternário, tendo-se iniciado há cerca de 2 milhões de anos e terminado aproximadamente há 10 000 anos.

Estas relíquias do Terciário só sobreviveram em enclaves abrigados, como é o caso das adelfeiras [*Rhododendron ponticum* L. subsp. *baeticum* (Boiss. et Reut.) Hand.-Mazz.] na serra de Monchique. Considera-se que a sua sobrevivência esteja relacionada com a capacidade de propagação por via de semente e também por via vegetativa. Recentemente, algumas experiências demonstraram



que é possível reproduzir a adelfeira por micropropagação, uma técnica usada para reintroduzir a espécie no perímetro de proteção da barragem da Foia.



Este endemismo ibérico cresce de forma espontânea em pontos localizados da serra de Monchique e da serra do Caramulo, em Portugal, e no Maciço do Aljibe, na Andaluzia espanhola. Dada a sua escassa distribuição geográfica, e o isolamento destas populações, a espécie encontra-se ameaçada. De salientar que existe uma população de *Rhododendron ponticum* na zona do Cáucaso, junto ao Mar Negro, mas de uma subespécie diferente (subsp. *ponticum*).

No século XVIII, a adelfeira foi introduzida na Irlanda e na Inglaterra, países onde se naturalizou e assumiu o estatuto de espécie invasora de difícil controlo e erradicação.

A adelfeira contém alcaloides venenosos para o gado e, por isso, em Monchique, diz-se ser indicada como ingrediente principal para a confeção do “chá das sogras”. É tema de uma canção popular de Monchique.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Blanco Castro, Emilio et al. (2005), Los Bosques Ibéricos, una Interpretación Geobotánica, Editorial Planeta, Barcelona.
2. López Lillo, A. & Sánchez de Lorenzo Cáceres, J. M. (1998), Árboles en España, Manual de Identificación, Ediciones Mundi-Prensa, Madrid.
3. Ridsdale, Colin et al. (2005), Trees, Dorling Kindersley, Londres.
4. Sande Silva, Joaquim (Coord.) (2007), Guia de Campo – As Árvores e os Arbustos de Portugal Continental, Público, Lisboa.
5. Sande Silva, Joaquim (Coord.) (2007), Os Carvalhais, um Património a Conservar, Público, Lisboa.
6. Sande Silva, Joaquim (Coord.) (2007), Os Montados, Muito Para Além das Árvores, Público, Lisboa.
7. Malato Beliz, J. (1982), A Serra de Monchique – Flora e Vegetação, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, Lisboa.



Almargem
associação de defesa do património
cultural e ambiental do algarve

Promotor: Almargem

Morada: Rua de São Domingos, 65 Apartado, 251 8100, Loulé
Telefone: +351 289 412 959 | **fax:** +351 289 414 104
e-mail: almargem@mail.telepac.pt
Site: <http://www.almargem.org/>



viaalgarviana
> siga esta pista.

Inserido no projecto: Via algarviana

Telefone : +351 289 412 959 | **fax:** +351 289 414 104
e-mail: viaalgarviana@viaalgarviana.org
Site: <http://www.viaalgarviana.org/>

CO-FINANCIAMENTO:



UNIÃO EUROPEIA
FEDER

PARCEIROS:



Morada: Travessa da Portela, n.º2 - 8550 - 470 Monchique
Telefone: 282 910 200 / Fax: 282 910 299
E-mail: geral@cm-monchique.pt
Site: <http://www.cm-monchique.pt/>



Morada: Av. 5 de Outubro, 18, 8000 – 076 Faro
Telefone: 289 800 400 / Fax: 289 800 489
Email: turismodoalgarve@turismodoalgarve.pt
Site: <http://www.turismodoalgarve.pt> / <http://www.visitalgarve.pt>

Ficha Técnica

Edição e propriedade:

Almargem – Associação de Defesa do Património Cultural e Ambiental do Algarve
Apartado 251, 8100-756 Loulé
www.almargem.org
almargem@mail.telepac.pt

Conceito e conteúdo, direitos do autor:

A Nossa Terra - associação ambiental

Apartado 182, 8550-909 Monchique
<http://anossaterra.org> | info@anossaterra.org

Texto:

Stephen Hugman e Pedro Nuno Teixeira Santos

Contribuições:

Ana Nunes, Cristina Fernandes, Diamantino Silva, Fernão Santos, Dieter Malter, Isabel Mira, João Mira, Laila Davidson.

Iniciativa e assistência técnica:

Árvores de Portugal - www.arvoresdeportugal.net

Fotografia:

Stephen Hugman e Árvores de Portugal.

Conceção gráfica: Ideias Frescas

O Guia digital e os ficheiros das coordenadas de GPS dos percursos estão disponíveis nas páginas:

www.almargem.org / www.anossaterra.org / www.arvoresdeportugal.net
www.cm-monchique.pt / www.turismodoalgarve.pt / www.viaalgarviana.org

Informação sobre classificação de árvores:

<http://www.icnf.pt/portal/florestas/aip>

Texto escrito conforme o Acordo Ortográfico - convertido pelo Lince.

